

## *Diálogos interdisciplinares vindos do Sul Global: a IA na berlinda*

*Interdisciplinary dialogues coming from the Global South: AI in the spotlight*

*Diálogos interdisciplinarios provenientes del Sur Global: la IA en el punto de mira*

Denise TAVARES<sup>1</sup>  
Michele PUCARELLI<sup>2</sup>

A proposta dessa edição está marcada pelo Dossiê Especial sobre a Inteligência Artificial. Especial, em muitos sentidos, mas principalmente pela decisão dos editores que era preciso a Revista Mídia e Cotidiano contribuir, do modo mais potente que conseguisse, com essa que é, com certeza, uma temática-chave do futuro não só da Comunicação, como da própria organização e funcionamento da sociedade. Tal amplitude engendra amplos desafios e dá ares de infinitude às tecnologias múltiplas que envolvem a Inteligência Artificial. Por outro lado, aciona também, um universo crítico – uma das características centrais da área da Comunicação e Informação – que se movem continuamente no tempo. Isto é, promovem revisões conceituais relevantes dos diagnósticos recém-elaborados, ao mesmo tempo que nos faz olhar para trás, revirando advertências, avisos de possibilidades e compreensão das origens e impactos que a nova – naquele momento – tecnologia trazia ou parecia oferecer.

Este “espírito” balizou um movimento ainda não realizado pela Revista Mídia e Cotidiano: buscar textos que traduzissem nossos atuais questionamentos, na

---

<sup>1</sup> Doutora em Integração Latino-americana. Professora do Departamento de Comunicação Social e do PPG Mídia e Cotidiano, ambos da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: denisetavares51@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5692-7356>

<sup>2</sup> Doutor em Artes Visuais, Professor do Departamento de Comunicação Social e do PPG Mídia e Cotidiano, ambos da Universidade Federal Fluminense (UFF) - E-mail: michelepucarelli@id.uff.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9345-4463>



---

perspectiva de permitir uma maior e mais profunda percepção desse percurso que tornou a Inteligência Artificial tão presente em nossa área. Com esse objetivo, convidamos autoras e autores de artigos que fossem capazes de constituir um panorama da IA nos moldes pretendidos sem, obviamente, a expectativa de esgotar o tema e sim, tendo no horizonte o objetivo de nos somarmos às diversas e potentes publicações da Comunicação e Informação, que muito têm contribuído para problematizar o tema, de modo a evitar uma adesão acrítica ou pouco capaz de desvelar as contradições que integram esse sistema que já nos impacta cotidianamente.

Simplificando, diante das aparentes novidades e rupturas que a Inteligência Artificial promete estabelecer, sempre vale perguntar: esta IA que está sendo construída servirá efetivamente a todos? Ou, em outros termos e observando especificamente uma das questões mais complexas que as tecnologias recentes carregam: se a Inteligência Artificial veio mesmo para ficar, para trazer novos paradigmas e expandir sua influência entre os mais variados campos do saber, como estabelecer regras sobre seu uso, de modo que ela atenda a todos e não apenas a poucos? Afinal, tecnologias específicas têm destinos de uso estabelecido e, desse modo, são mais fáceis de se esboçar e construir regulamentações, porém, como regular tecnologias *omni*-uso, que têm o potencial de serem virtualmente integradas a tudo e podem ser aplicadas tanto para fins civis como para militares? Estas e outras questões que a IA traz, ampliam as possibilidades de impasses, pois, óbvio, dependendo do ponto de vista haverá respostas distintas, pautadas por interesses geopolíticos muito marcados. Por isso mesmo, à Revista Mídia e Cotidiano, interessa muito a circularidade das vozes do Sul Global, tensionando a IA por variados ângulos, como fazemos nesta edição.

Enfim, para evitar maiores alongamentos, temos que, primeiramente, agradecer aos autores que compõem esse dossiê pela generosidade de trazerem suas pesquisas, reflexões e questionamentos para nossa revista. Agradecemos, assim, às autoras que autorizaram as traduções de artigos publicados originalmente em Língua Inglesa, sensibilizadas pela nossa argumentação de que a compreensão de um tema tão complexo e carregado de contradições se daria mais efetivamente na língua nativa. Em outras palavras, queríamos garantir um acesso universal, sem correremos riscos de equívocos. Além disso, alguns artigos integram publicação em livro, o que dificulta, ainda mais, essa nossa intenção de publicizar, o máximo possível, os textos escolhidos.



Segundo, e não menos relevante, agradecemos muito aos autores que participam desse dossiê com textos inéditos, resultado de pesquisas diversas, algumas marcadas pela interdisciplinaridade, que é outra característica fundamental da Comunicação. Em outros termos, são artigos que expressam a nossa capacidade de diálogos fecundos com outras áreas, sem que nossa singularidade submerja, seja porque é basilar às relações apresentadas, seja pelos atravessamentos que deslizam por entre as argumentações e resultados expostos.

Esclarecidos os movimentos e contextos que articularam esse dossiê especial da Revista Mídia e Cotidiano, vamos aos textos, de modo que esse Editorial realize uma das suas tarefas centrais que é tentar traduzir, sinteticamente, o que é e como se estruturou essa segunda edição desse periódico. Assim, iniciamos com o texto *Inteligência Artificial, Soluções Artificiais - Colocando a emergência climática no centro dos desenvolvimentos de IA*. Sua autora, Benedetta Brevini, é hoje uma das vozes mais contundentes quanto à necessidade de se dimensionar, criticamente, as consequências das tecnologias de Inteligência Artificial às questões que envolvem a crise climática. Neste texto, a partir de uma interrogação muito sintética e objetiva – “Quão Ecológica é a Inteligência Artificial?” – Brevini constrói seu texto cujo ponto de partida é a materialidade da IA, algo pouco mensurado nos adventos de novas tecnologias. Aqui, seus parâmetros de avaliação são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS) e, neste cotejo, a autora constrói um conjunto de soluções que visam limitar o que aponta como “desafios diretos que a IA apresenta para os ODS”<sup>3</sup>.

Na sequência da abertura temos o artigo *Utilização de inteligência artificial generativa no jornalismo - possibilidades e desafios*, de Márcio Carneiro dos Santos e Marcos Arruda Valente de Figueiredo, que explora, de modo didático, porém crítico e bem fundamentado, a evolução do uso de tecnologias no jornalismo, com foco na inteligência artificial generativa (IAG) e narrativas automatizadas. O texto apresenta um panorama das possibilidades de uso da IA nas redações, desde experimentos iniciais com automação simples até aplicações mais sofisticadas para personalização de conteúdo e análise preditiva. Os autores enfatizam a importância da adaptação a

---

<sup>3</sup> Neste momento em que o Brasil acompanha, lamentável e diuturnamente a tragédia provocada pela incapacidade dos gestores públicos do Rio Grande do Sul incorporarem as mudanças climáticas em suas agendas, iniciar o dossiê com esse texto configura-se, também, uma singela homenagem (pela lembrança imediata que aciona) a todos e todas que estão sendo vítimas das enchentes no sul do país.



essas ferramentas, dada a sua influência crescente na produtividade e na reconfiguração de estratégias editoriais, ressaltando, contudo, a necessidade de supervisão humana para evitar erros e imprecisões que podem comprometer a qualidade do jornalismo.

Mantendo o foco no jornalismo, o texto de autoria de João Canavilhas e Bárbara Biolchi, intitulado *Inteligência Artificial e Transparência no Jornalismo* discute a crise do jornalismo, marcada pela queda na credibilidade e aumento de pessoas evitando notícias. A IA surge como solução para a escassez de recursos humanos nas redações, mas a opacidade no modo como essas notícias são apuradas e organizadas levanta questões de transparência e credibilidade. Sem legislação específica, o jornalismo busca responder com recomendações para o uso de IA. O texto analisa dois documentos, um do Estadão e outro da BBC, que foram pioneiros nessa área e demonstram a preocupação dos meios de comunicação com a transparência no uso da IA. Apesar desses esforços, o texto destaca que ainda há um longo caminho a percorrer até que haja total transparência nos processos algorítmicos, especialmente no que diz respeito às fontes de dados e aos critérios editoriais usados na produção de conteúdos jornalísticos.

Deslocando o foco do Jornalismo, mas mantendo, de certo modo, uma ligação com as questões apresentadas no texto que o antecede, o artigo *Regulação da mídia e literacias digitais no combate a 'fake news': plataformização, inteligência artificial e algoritmos*, de Regina Rossetti e Renata Ferrarezi, também se pauta pelos desafios da regulação, tanto pela perspectiva do avanço da Inteligência Artificial como pelo cenário já presente da desinformação e propagação de *fake news* no ambiente online. De acordo com as autoras, há uma evidência ameaça hoje à liberdade de expressão e ao direito à informação, o que reforça a urgência de se ampliar o letramento digital, midiático e informacional. Concordando com diversos estudiosos sobre o dever das empresas de tecnologia de manterem uma esfera pública saudável, Rossetti e Ferrarezi lembram o que deveria ser óbvio, ou seja, que por se beneficiarem financeiramente com a livre demanda de dados, em especial as *big techs* têm reponsabilidade ética e social no combate à manipulação que ocorre nas plataformas de internet.

Propondo estabelecer diálogos entre as teorias dos estudos críticos de algoritmos e datificação com as teorias dos estudos populares, o artigo seguinte, de autoria de Ignacio Siles, Edgar Gomes-Cruz e Paola Ricaurte, intitulado *Rumo a uma*



*Teoria popular de Algoritmos*, fricciona uma das tendências que são naturalizadas em relação a esses últimos, ou seja, que tanto o poder como as consequências do uso de algoritmos são universais. Para os autores, é preciso romper com esse olhar, e o caminho que propõem é recuperar o que os estudiosos latino-americanos e outras tradições de pesquisa teorizam sobre o popular. Com este movimento, é possível construir diálogos – como colocado há pouco – que oferecem soluções e práticas culturais criativas, gerando novas formas de se pensar problemas que hoje se apresentam como inerentes ao uso dos algoritmos. Vale destacar que o trio de autores, de certo modo, já expressa esse diálogo, pois enquanto Gomez-Cruz está vinculado a uma instituição do Norte Global, Siles e Ricaurte atuam em universidades latino-americanas.

O próximo texto desse dossiê especial conta com a contribuição muito significativa de Andrea Medrado e Pieter Verdegem. Sob o título *Pesquisa-Ação Participativa em estudos críticos de dados: interrogando a IA a partir de uma abordagem Sul-Norte*, o texto apresenta oficinas realizadas por ambos, que foi elaborada tendo como horizonte também desafiar “a forma como a centralidade do Norte é tida como certa em relação às epistemologias, experiências e entendimentos da IA”. A experiência é inspirada na pesquisa-ação participativa (PAP) e no trabalho de pensadores latino-americanos como Freire e Fals Borda. Detalhando o processo e apresentando algumas posições mais contundentes dos participantes, Medrado e Verdegem apresentam, entre outras conclusões, que a PAP tem potencial para “capacitar comunidades marginalizadas no Sul Global”.

Finalmente, para fechar o dossiê, a Mídia e Cotidiano construiu uma espécie de dístico temporal, trazendo um texto que pode ser visto como uma reflexão em torno dos primeiros momentos da IA e o outro centrado em perspectivas que já ocorrem, mas que sempre aparenta estar em diálogo com os imaginários futuristas. O primeiro é *A base da pirâmide de dados: Big Data e o Sul Global*, de autoria da pesquisadora Indiana Payal Arora. O artigo parte da percepção que naquele momento – 2016, quando é publicado pela primeira vez, em inglês – pouca atenção se dava “ao impacto que o big data trazia ao Sul Global, região onde cerca de 60% dos residents estão abaixo da linha da pobreza”. Observando que esses territórios eram negligenciados, Arora apresenta os possíveis paradoxos que o uso de dados em larga escala traz, pois se é possível, em sua visão, apontar benefícios, é inegável que há outras consequências que



devem ser criticadas e evitadas. Ao final, Arora convoca estudos que compreendam, objetivamente, as possibilidades do uso de dados pela população mais pobre, rompendo com uma abordagem predominantemente concentrada nos aspectos instrumentais.

Por último, fechando o dossiê temos o artigo, *Interfaces Tangíveis e a Inteligência Artificial: Explorando a Interação Humano-Máquina*, de Renato Hildebrand e Grazielle Bruscatto Portella, que explora as interfaces tangíveis (TUIs) em plataformas de Inteligência Artificial (IA), vistas aqui como cruciais para a interação humano-máquina. Para os autores, trata-se de um tema sensível entre as alternâncias de deslumbramentos e medos sobre a relação Humano-Máquina frente à evolução das aplicações em uso de IA. O texto detalha o modo como as TUIs que evoluem com a IA, podem ser vistas como um ponto de conexão entre usuários e meios de comunicação, facilitando a visualização dos resultados gerados pelos algoritmos. O estudo analisa ainda as características das TUIs que compõem a IA, considerando a estética da interação e questões como design especulativo, responsivo e adaptativo. O objetivo é destacar os aspectos estéticos e éticos das TUIs, buscando entender melhor a interseção entre a criatividade humana e a colaboração que as máquinas proporcionam quando associadas a sistemas tangíveis.

Já a Seção Livre inicia com um texto que aciona uma memória muito dolorida à Comunicação, em especial aos que têm no cinema e fotografia seu foco de investigação, além dos companheiros cotidianos da jornada de Osmar Gonçalves dos Reis Filho, que são nossos colegas da Universidade Federal do Ceará. Não sabemos se este é exatamente o último artigo produzido por ele, em co-autoria com Beatriz Rabelo, mas é, certamente, mais um dos seus expressivos e potentes trabalhos, qualidades intrínsecas a tudo que este pesquisador tão querido produziu. Pedimos licença aos leitores por essa demonstração de afeto e admiração, no entanto, quem conheceu Osmar, quem acessou suas produções – seja texto, seja fotografia -, quem o ouviu se apresentar em palestras e comunicações, sabe que os elogios são absolutamente coerentes com sua travessia acadêmica. Infelizmente, ele nos deixou em 1º de fevereiro de 2024, já com a boa (conforme suas palavras) notícia do texto aprovado e que seria publicado, faltando apenas uma revisão final, o que foi garantido, com muita competência, por Rabelo.



O artigo de Gonçalves e Rabelo, intitulado *Random City: o “infraordinário” que desponta nas paisagens urbanas de Leticia Lampert*, traz uma abordagem bastante criativa e sensível da obra da fotógrafa e artista visual brasileira Leticia Lampert, que por meio de recorte e montagem de cenas cotidianas de diversas cidades do mundo, recriou essas paisagens urbanas. Estas, transformadas, transmutadas, oferecem novas percepções dos espaços enquadrados, ampliando possibilidades de interação com a obra. Esse processo, acionou na dupla de autores, o propósito de evidenciar “a presença do ‘infraordinário’ (Perec, 1989), em análise que inclui diálogo com outros artistas. Com esse caminho metodológico, o artigo arrola mais percepções que estabelecem outras relações, resgatando, deste modo, vínculos ainda não pensados, o que traz originalidade à pesquisa, que vale, ainda, da construção de pranchas “inspiradas no Atlas Mnemosyne, de Aby Warburg”. Trata-se, portanto, de uma caminhada que só confirma o interesse profundo dessa dupla, de oferecer aos leitores de Mídia e Cotidiano, um trabalho que confirma uma profunda paixão e engajamento nestes projetos que enlaçam a arte à comunicação, e que são vitais ao adensamento de nossas sensibilidades e sonhos cotidianos.

Também focando o cinema, o próximo artigo dessa Seção, *O ato teórico no filme “Entre nós talvez estejam multidões”*: conceito, proposição, programa, série, de Bruno Leites e Lennon Macedo, traz o aporte da Teoria dos Cineastas para analisar aspectos do documentário em questão, sobre a Ocupação Eliana Silva, em Belo Horizonte. O ponto de partida dos autores foi o descompasso entre a menção a multidões no título do filme e as imagens individuais dos personagens que emergem na tela. A partir desse paradoxo, Leites e Macedo se propõe a analisar o filme a partir da Teoria dos Cineastas, que prevê pesquisar apenas a teoria enunciada verbalmente por cineastas. Para alcançar os objetivos, analisam entrevistas dos diretores Aiano Bemfica e Pedro Maia de Brito. Os autores defendem que *Entre nós talvez estejam multidões* é um filme que faz ato teórico apresentando problemas e explorando as relações entre texto e imagem na obra.

O artigo seguinte mantém o foco no audiovisual. Intitulado *Crianças em contexto de migração familiar: uma análise a partir do filme Bem-vindo a Marly-Gomont*, o texto, de autoria de Giovani Giroto e Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, se debruça nas maneiras como o diretor Julien Rambaldi trabalha o racismo, o ambiente escolar e o processo migratório em sua obra audiovisual. Os processos de



exclusão que as personagens infantis migrantes passam faz com que a infância seja percebida de maneira múltipla, ou seja, no plural: infâncias. Além disso, entre as conclusões do trabalho, a dupla de autores aponta para a necessidade de garantir da autonomia das crianças e de seu direito de participação social, uma vez que o fluxo migratório implica em relações de perdas e ganhos, e a reflexão sobre o filme nos convida a pensar sobre este lugar.

Com *Os significados da cor preta postos em circulação pela publicidade no jornal Folha de S.Paulo (2020)*”, artigo de Graziella Andreia Malagó e Maria Ogécia Drigo, damos continuidade à Seção Livre, tendo, novamente, a criança na centralidade das discussões propostas. No texto, a partir da semiótica peirceana, as autoras buscam analisar 91 peças publicitárias com e sem representação de pessoas pretas, sendo que o objetivo é também destacar as peças em que a cor preta é predominante. Sem muita surpresa, como são produções de uma país racista, levando em consideração os sentidos produzidos, estabelece-se o que deveria ser reconhecido como um paradoxo, isto é, o levantamento mostrou que a maioria das peças analisadas com predominância da cor preta não possui pessoas pretas (11 contra 4). No entanto, o foco do trabalho é apresentar a análise das peças em si e das possíveis interpretações a partir dos signos que produzem. No final, como é apontado pelas autoras, o foco recai sobre os produtos, principalmente utilizando a cor preta como significação positiva, através de emoções que vinculam a cor preta “à sofisticação, beleza, harmonia, inteligência, vivacidade”, como alguns adjetivos possíveis. Assim, são apresentadas reflexões que servem como forma de rever a produção publicitária, “para colocar em circulação novos significados relativos à cor preta”.

De certo modo mantendo nosso olhar na questão racial, o próximo texto, *Mulheres trabalhadoras negras e mídia: questões de reconhecimento sob a ótica de Nancy Fraser*, escrito por Gabriela Schmalfluss Borges e Veneza Mayora Ronsini, ambas da Universidade Federal de Santa Maria (UFMS), estabelece uma relação entre classe, raça, gênero e mídia, partindo da teoria da filósofa estadunidense Nancy Fraser. As autoras, sem deixar de contemplar o feminismo negro brasileiro ao citarem trabalhos de intelectuais como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Suely Carneiro, se concentram na exploração do trabalho – ou seja, na questão da classe, dentro de uma ótica interseccional. Com essa escolha, percebem, através de suas interlocutoras, como as trabalhadoras negras quilombolas não se sentiam representadas nos



---

conteúdos midiáticos veiculados e consumidos. Vale sempre lembrar que a falta de reconhecimento midiático expõe uma das formas de reprodução do capitalismo, o que é ressaltado no artigo.

E para encerra essa seção, temos o texto *Ocupar as narrativas com palavras de ordem: textualidades das notas de deflagração das ocupações universitárias de 2016 no Ceará*, de Daniel Macêdo e Márcia Vidal Nunes. O artigo analisa as ocupações de universidades cearenses a partir de notas públicas escritas pelos estudantes que foram também os ocupantes dessas instituições de ensino. Essas notas foram tomadas como dispositivos midiáticos por meio dos quais os estudantes expuseram ideias, comunicaram decisões e firmaram imagens de si perante a sociedade, além de construírem visibilidade para o movimento, em meio a uma disputa de narrativas. Entre as conclusões, a dupla de autores indica que, por meio dessa forma de comunicação pública, os estudantes construíram um documento contra-hegemônico de partilha de perspectivas normalmente invisibilizadas nos grandes circuitos midiáticos.

Após a Seção Livre, essa edição apresenta uma entrevista com o jornalista Ismario Rodríguez Pérez, realizada por Alexei Padrilla Herrera e Ângela Cristina Salgueiro Marques. Pérez é diretor audiovisual da mídia independente *Periodismo de Barrio*, em Cuba, e sua experiência permitiu, aos entrevistadores, mostrar os conflitos gerados pela existência de veículos de comunicação não oficializados pelo governo da ilha, confirmando tensões e desafios que envolvem os que, de certo modo, atuam à margem do sistema político local. Vale ressaltar que essa entrevista foi realizada no período de doutoramento de Herrera e a opção dos autores, respeitada pelos editores, foi de manter a versão em espanhol, língua em que foi realizada. A proposta foi não perder algumas nuances dessa discussão que sempre tem pontos muito sensíveis, dado a realidade cruel do embargo de tantas décadas, algo que a tradução para a Língua Portuguesa poderia provocar.

Finalmente, fechando Segunda edição de 2024 da Revista Mídia e Cotidiano, edição apresentamos a resenha *Annoying music in everydaylife: estudos de conflitos sônico-musicais na vida cotidiana*, de autoria de Rafael Zincone. Nela, ao autor Analisa a obra homônima ao título, *Annoying Music in Everydaylife*, do professor da Universidade Federal Fluminense, Felipe Trotta. Para Zincone, a grande chave de compreensão do trabalho de Trotta é o incômodo que ela traz ao questionar o



significativo alheamento das pessoas, hoje, ao que ocorre em suas vidas. Para Trotta, de acordo com Zincone, a vida cotidiana passa de maneira despercebida para a maioria das pessoas, uma vez que somos interpelados pelo senso comum que cerceia as possibilidades de enxergar a totalidade presente em ações rotineiras. De acordo com o autor do livro, Zincone, os “conflitos sem importância” podem ser encarados como “atalhos para se pensar a vida cotidiana”. A pesquisa retratada no livro reúne inúmeras entrevistas sobre como os entrevistados se relacionam com a música, em uma mistura entre a musicologia com estudos culturais, apresentando um novo mapa para os estudos dessa área temática.

Como o leitor que chegou até aqui pode perceber, essa edição tem como seu eixo conductor alinhar-se às algumas das inquietações que nos rondam atualmente. Nós, das universidades federais públicas estamos vivendo um momento muito difícil, pautado, entre outros temas, pela imensa dificuldade de se recompor um orçamento razoável para o funcionamento das instituições. Além disso, há a greve, ainda vigente, de boa parte dos docentes, discentes e funcionários da universidade. O quadro não é animador quanto à perspectiva de uma solução mais rápida para os impasses de agora. Apesar desse cenário, a Revista Mídia e Cotidiano optou por manter seu calendário, em respeito aos seus autores e leitores. Mas, claro, as dificuldades foram imensas! Assim, pedimos desde já compreensão quanto a pontuais erros e contamos com a generosidade de sempre, no sentido de nos comunicarem para as necessárias correções.

*Que seja uma boa leitura!*

*Denise Tavares e Michele Pucarelli (Ed. Seção Temática)  
Adriana Barsotti e Pedro H. dos Santos (Ed. da Seção Livre)*



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.